

# CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA

Tânia Regina Bonfim (Faculdades Integradas FAFIBE)

**Resumo:** A educação física tem vivenciado nas últimas décadas uma fase de intensos questionamentos, gerando conflitos e algumas mudanças quanto à forma de visualizá-la como disciplina acadêmica e/ou escolar. No mesmo sentido, avanços significativos têm ocorrido acerca da compreensão do tema corporeidade, seja na busca de novas linguagens e conceitos ou na crítica à visão mecanicista da ciência e do corpo. Consiste assim, finalidade deste ensaio, refletir sobre a questão da corporeidade e suas interfaces com a educação física. Corporeidade esta, ao que parece, primordial para práxis da educação física, haja vista que seu entendimento e conseqüente ampliação das suas possibilidades poderia contribuir para oferecimento, por parte dos profissionais de educação física, de uma educação corporal mais enriquecedora e significativa.

**Palavras-chave:** corpo, corporeidade, educação física, ciência, modernidade.

## 1. Introdução

Corporeidade... Muitas eram as indagações, dúvidas e preocupações ao iniciar este ensaio. Não que as tenha resolvido completamente. Impossível fazê-lo. Talvez tenham ficado momentaneamente latentes para desabrochem, em breve, mais inquietantes.

Corporeidade... De acordo com alguns dicionários da língua portuguesa: qualidade de corpóreo, relativo ao corpo, corporalidade. Muitos poderiam contentar-se... ou não! Corporeidade, assim, encontra-se exatamente no corpo.

Porém, continuava apreensiva. Pois qualquer pessoa que fosse de imediato procurar a definição do termo corporeidade (em algum compêndio), provavelmente leria a(s) definição(ões) da palavra *corpo*. Corpo! Mas qual corpo? Corpo registro de interdições ou liberdades; público ou privado; força ou suavidade; máquina ou relacional; instrumento ou consciência...? Geralmente, tendo em vista a história da (nossa) civilização ocidental, fala-se, pensa-se, visualiza-se e escreve-se majoritariamente sobre um corpo humano biológico, fisiológico, dessacralizado; e esquece-se, por vezes, do seu simbolismo, dos seus mistérios e do constante jogo de complexidades que o envolve.

Questiono então, como construímos o conhecimento sobre este corpo e sobre a corporeidade? Vivemos, somos nosso corpo ou apenas o utilizamos conforme as mais diversas 'conveniências'? Enfim, quanto à corporeidade relaciona-se ou não com a educação física?

Há tempos e com diversos propósitos, o corpo e as questões corporais têm sido alvo de pesquisas e estudos nas mais diferentes áreas. Todavia, somente há poucas décadas, o corpo e a corporeidade passaram a ser discutidos como possibilidades para (re)pensarmos a condição humana e toda a diversidade das suas interações.

No tocante à área da educação física, mais de 20 anos transcorreram desde as primeiras críticas contundentes, principalmente na área escolar, denunciando desde sua "vinculação" ou uma certa "subordinação" às instituições médicas, militares e esportivas até a formação e atuação profissional.

Rangel-Betti (1998), por exemplo, ao analisar o processo de formação e desenvolvimento profissional de um professor de educação física, constatou que não há mais espaço para os acomodados ou para aqueles que simplesmente reproduzem e não transformam. Em contrapartida, evidenciou a necessidade de um profissional reflexivo e crítico (acrescentaríamos, sensível) cuja formação e atuação devem ser compreendidas e vivenciadas como um *continuum*.

A questão da corporeidade parece apresenta-se assim, primordial para práxis da educação física, tendo em vista que seu entendimento e conseqüente ampliação das suas possibilidades poderia contribuir para oferecimento, por parte dos profissionais de educação física, de uma educação corporal mais enriquecedora e significativa.

## 2. Do corpo à corporeidade e à educação física

O corpo deve ser nosso fundamento primeiro, afirma Moraes (1993). Partindo do pressuposto que a corporeidade apresenta-se primordial para práxis da educação física, afirmação acima se torna referencial; pois tentar compreender a corporeidade é saber olhar as expressões e desejos deste corpo e do corpo ao lado, complementa o autor.

Quero dizer, que é preciso olhar sensivelmente o corpo na busca da sua consciência corporal e não da disciplina imposta ou padronizada. Devemos habitar este corpo, sentir suas necessidades, anseios, limites, sensações; ou seja, *aceitá-lo*, para quiçá descobrir sua consciência e sabedoria (MORAIS, 1993; MOREIRA, 1995).

Ser corpo é estar no mundo sensível e inteligentemente através de um diálogo de aprendizagem, uma certa 'espiritualização do corpo' no sentido de vivenciar atitudes e encontrar corpos mais enriquecidos de todos os seus aspectos vitais e emocionais, destaca Moraes (1993, 1995).

Compreender o corpo então, somente é possível a partir das experiências e vivências estabelecidas nas relações consigo, com os outros e com o mundo. E a esta capacidade de cada pessoa sentir e apossar-se do seu próprio corpo como meio de manifestação e interação com o mundo chamamos de corporeidade.

A concepção instrumentalista e dualista, nestes aspectos, não tem sentido; pois somos um corpo e não apenas temos um corpo, há muito nos disse Merleau-Ponty. Somos um corpo tanto na medida e forma de presença/expressão no mundo através do nosso comportamento quanto na maneira de pensar.

Embora, muitas tenham sido (e são) as representações e ações dos corpos presentes na história humana; ser e estar no mundo representa uma atitude perante a vida, onde o viver corporal deveria então, surgir como uma sabedoria (MORAIS, 1993). Ou seja, a compreensão de corporeidade, que cada um possui, deve representar uma atitude perante sua existência corporal.

Todavia, "o mundo ocidental inventou um modelo prometeico de dominação, de conquista da natureza, que afastou/afasta qualquer idéia de sabedoria" (MORIN, 1998, p.48); tendo sido nesse contexto sócio-cultural estabelecidos, no imaginário social, traços de uma corporeidade "submissa, disciplinada, desprezada, por vezes até abjeta" (SANTIN, 1993, p.54).

Ao longo da história humana tivemos a representação de sucessivos ou simultâneos corpos – compostos de linguagens, símbolos e imagens; o que nos dificulta em *sermos nosso corpo*. Ou seja, quase sempre acabamos somente tendo este ou aquele corpo ou vivenciando a corporeidade conforme as "necessidades" de uma determinada época, segundo Assmann (1995).

A compreensão da corporeidade permeia nestes aspectos, a observação das imagens, símbolos e linguagens corporais que constroem-se no imaginário social, e que

em última instância, determinam a vivência corporal afirma Santin (1997). Porém, as diferentes culturas, ideologias e organizações quase sempre arquitetaram um corpo humano que fosse conformista e adequado. Conforme lembra Assmann (1995) tivemos/temos:

a) o “corpo jardim fechado”: corpo proibido e cobiçado, virgem, cadáver sagrado, mistério inviolável – predominou no Ocidente entre os anos 3000 a.C. até por volta de 1700 d.C.;

b) o “corpo aberto e devassável”: corpo dessacralizado, invadido, corpo-máquina - desde os alquimistas até a visão do corpo anatômico da medicina oficial, do esporte competitivo, daquilo que se entende como ciência;

c) o “corpo ajustável ao que se necessita”: corpo força de trabalho, educável, que deixou a rigidez das concepções antigas. Corpo relação mercantil, corpo sexo-cor, corpo de atleta, corpo malhado e escultural, corpo capital humano, até chegarmos no corpo valor de troca, da engenharia genética e do mercado de órgãos.

E ainda, segundo o mesmo autor, existem os “corpos políticos”: corpos libertários e anarquistas, monárquicos, socialistas e capitalistas; e tanto outros, como os desafiadores para a ciência: “o corpo bio-psico-energético, na pele e além da mesma, sensorial e extra sensorial, encorajado ou bioenergético, travado ou vibracional e sócio-ecológico” (ASSMANN, 1995, p.74).

Assim, não importando a época, os “discursos sobre o corpo” nas palavras de Foucault (1977b) ocorreram/ocorrem e sucedem-se, evidenciando a heterogeneidade da realidade corpórea como base da sociedade e da história. As maneiras de inferir inquietações quanto ao corpo ou de submetê-lo à interdição constituem-se para aquele autor, discursos sobre o corpo, construindo-se seu sentido tanto com o “falar” como com o “calar”. É impossível não comunicar, se eu falo ou se eu calo; posto que o corpo constitui-se num complexo e heterogêneo espaço de inscrição dos acontecimentos segundo.

É interessante notar que este caminho, apesar de difícil, demonstra que o corpo deve ser visto como “presença, que esconde e revela a maneira de ser no mundo” GONÇALVES (1994, p.102).

Ao fazermos uma breve retrospectiva histórica da cultura do corpo verifica-se que, a partir do Renascimento, seguido da Revolução Industrial, aquela ressurgiu marcada por considerável desenvolvimento científico, caracterizando-se por uma determinada racionalidade científico-instrumental.

O mundo moderno ocidental fez surgir então, o conceito de razão, enfatizando o ideal de eficiência e progresso tecnológico. E ainda, a exigência de um conhecimento intelectual, objetivo, preciso e útil da realidade, segundo Albuquerque (1995). O pensamento lógico-racional, nestes aspectos, constituiu-se no fundamento e na justificação de uma ordem social, onde o saber construído pelo corpo passou a ser desvalorizado.

Os sentidos e a sensibilidade, diante do que se chamou de verdade científica, passaram a ser considerados enganadores, não tendo crédito de cientificidade o conhecimento da experiência existencial e individual, relata Santin (1987, 1993). O corpo humano passou a ser visualizado, geralmente, apenas como um objeto passível de esquadramento e de controle; ocultando-se a afetividade e separando-a da inteligência de acordo com Morin (1998).

As ciências modernas fortaleceram a ideologia da racionalização, construindo um conhecimento objetivo, seguro e praticamente o único verdadeiro perante a realidade, o corpo e a corporeidade.

Em consonância com este pensamento, a educação física compartilhou parte dessa maneira de pensar o corpo humano e ao dedicar-se simplesmente às diferentes partes deste corpo, acabou perdendo de vista o sentido de humano e de corpo em toda sua complexidade, salienta Santin (1987, 1993).

Ao reduzir a corporeidade a um funcionamento mecânico, não se pôde mais se ocupar com a espiritualidade, a afetividade e a sensibilidade (SANTIN, 1993). No entanto, a linguagem humana não responde apenas às necessidades práticas e utilitárias. Responde também às necessidades de comunicação afetiva e ao prazer de comunicar-se com o outro (MORIN, 1998) e conosco. Encontramo-nos então, “numa época de transição e de tomada de consciência de uma falta” (Morin, 1998, p.49). Necessitaremos em breve, vivenciar o corpo-próprio – enraizar o espaço da existência – nas palavras de Merleau-Ponty (1994); onde a realidade corporal e a percepção subjetiva de se estar no mundo não se esgotam no biológico mas sim na “união” harmônica ou conflituosa das dimensões biológicas e simbólicas que formam a corporeidade (SANTIN, 2000).

*Este corpo não é uma máquina, um instrumento que registra as informações do mundo exterior na forma de um decalque. [...] seu sentir não é um sentir de qualquer corpo animal. Sua especificidade está exatamente no processo relacional homem/mundo, procede da sua existência concreta de sentir, pensar, agir, sonhar, imaginar, desejar, seduzir. O homem aprende a sentir, sentindo o mundo através de seu corpo (TEVES, 1992, p. 8/9).*

Porém, poderíamos nos perguntar como o homem tem aprendido a ‘sentir’ o mundo através do seu corpo e/ou como tem construído sua corporeidade se, com o progresso da ciência, a razão do mundo moderno tornou-se praticamente o único instrumento válido de conhecimento, distanciando o homem do entendimento uno, afetivo e sensível do seu corpo!?

Nesta perspectiva, pensadores como Elias (1990) ao caracterizar o “processo civilizador” e Foucault (1977a) ao desvelar a “normatização da sociedade”, ainda que analisem sob diferentes aspectos os antecedentes históricos que ocasionaram as formas do homem da era urbano-industrial relacionar-se com seu corpo e conseqüente corporeidade, identificam um processo em que aquele foi tornando-se independente da comunicação empática do seu corpo com o mundo, reduzindo a capacidade de percepção sensorial e aprendendo, simultaneamente, a controlar os afetos, transformando a livre manifestação dos sentimentos e gestos em expressões formalizadas.

Assim, constata-se, ao longo do processo histórico, civilizador e normatizador, da sociedade moderna ocidental, a crescente ação de um poder que atua sobre o corpo, diminuindo suas potencialidades e determinando formas específicas de comportamento (GONÇALVES, 1994), configurando um certo “esvaziamento e empobrecimento do tecido das relações sociais” (Rago, 2000, p.15). “O homem público do passado ter-se-ia convertido no espectador silencioso do presente, figura indiferente, sem expressão física, facial e emocional” (p.09).

Embora não devam ser desprezadas, a ciência e a razão construídas no mundo moderno não podem ser aceitas como os únicos e mais avançados passos do desenvolvimento do conhecimento humano.

A própria história das ciências tem nos mostrado que as alternativas de desenvolvimento do conhecimento humano estão presentes desde o início do pensamento racional. Movimentos alternativos, fundamentados e inspirados nas

perspectivas holísticas e/ou ecológicas estão exigindo a revisão do modelo positivista reducionista de produção do conhecimento, tanto em relação ao ser humano como ao universo (SANTIN, 1993; BRITO, 1996).

Determinadas ‘demarcações dicotômicas’, hoje, diluem-se na intenção de sua superação. Busca-se um equilíbrio ecológico do indivíduo e da sociedade com seu meio/natureza a partir da “recriação libertária da subjetividade” e da “invenção autônoma de si” pautadas em “experiências individuais e coletivas mais inteiras e mais equilibradas” (RAGO, 2000, p.14).

Nestes aspectos, não foi pretensão deste breve ensaio encontrar respostas completas, mas sim, explicações que nos auxiliem a compreender o porquê da dimensão racionalizadora ser insatisfatória neste momento de tantas indagações, bem como, nos permitir vislumbrar saídas alternativas. Entendo que a educação física deve/deveria despertar no ser humano o entendimento do seu corpo e da sua corporeidade enquanto movimento, espaço, tempo, elo, vínculo e tantas outras significações, ou seja, um aproximar do corpo como fonte de consciência, sensibilidade, afetividade e inteligibilidade.

Talvez resida neste despertar, uma das muitas possibilidades da corporeidade (re)nascer comunicativa, criativa, expressiva, lúdica, sensível ou tantos outros resgates significantes da expressão humana. Pois pensar a corporeidade e as corporeidades geradas no imaginário social e especificamente na educação física, requer uma postura que acople uma certa perplexidade e questionamento constante quanto às “verdades” que foram sendo construídas e que acabaram arquitetando o que hoje compreendemos por humano, por corpo, por educação física.

### 3. Referências Bibliográficas

ALBURQUERQUE, L. M. B. de. Positivista é sempre o outro. Cadernos da F.F.C. Rio Claro: v.4, n.2, 1995. P.185-189.

ASSMANN, H. Paradigmas educacionais e corporeidade. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

BRITO, C. L. C. de. Consciência corporal: repensando a educação física. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

ELIAS, N. O processo civilizador: uma história de costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v.1.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977a.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977 b.

GONÇALVES, M. A. S. Sentir, pensar, agir - corporeidade e educação. Campinas: Papyrus, 1994.

MEARLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORAIS, J. F. R. de. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, W. W. (Org.). Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1993. p.71-88.

\_\_\_\_\_. Corpo e contemporaneidade. In: De Marco, A. (Org.). Pensando a educação motora. Campinas: Papyrus, 1995. p.151-156.

MOREIRA, W. W. Corpo presente num olhar panorâmico. In: MOREIRA, W. W. (Org.). Corpo pre(s)sente. Campinas: Papyrus, 1995. p.17-36.

MORIN, E. Necessária e impossível sabedoria. In: MORIN, E. Amor, poesia, sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p.45-67.

RAGO, M. O cassino americano, ou reflexões sobre o lazer em tempos pós-modernos. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L (Orgs). O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, Comissão de Pós-Graduação da FEF/UNICAMP, 2000. p.05-18.

RANGEL-BETTI. Educação física e o ensino médio: analisando um processo de aprendizagem profissional. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.

SANTIN, S. Educação física: uma abordagem filosófica de corporeidade. Ijuí: Livraria Unijuí, 1987.

\_\_\_\_\_. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.). Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1993. p.51-69.

\_\_\_\_\_. Corporeidade e educação motora: confluências e divergências. In: Congresso Latino-Americano de Educação Motora, 2º; Congresso Brasileiro de Educação Motora, 3º; 2000, Natal. Anais ... Natal: CEFET, 2000. p. 09-25.

TEVES, N. (Org.). O imaginário social e educação. Rio de Janeiro: Gryphus; Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.